

Que lugar para o amor na adolescência?

Giancarla Antezana – Gabriela Urriolagoitia (NEL)¹

Integrantes: Raúl Arancibia, Ana Badani, Walfre Beltrán, Marxy Condori,
Daniela Dotzauer, Eric Fernández, Evangelina Fuentes, Rosalba Guzmán, Zulma Juchani,
Verena Kratzig, Claudia Peñaloza, Marcela Zabalaga.

"Ela tinha essa graça fugitiva que marca a mais deliciosa das transições, a adolescência, os dois crepúsculos mesclados, o começo de uma mulher no final de uma menina."

Victor Hugo

"Os trabalhadores do mar"

Da sexualidade como um buraco no real

Embora a adolescência não seja um conceito psicanalítico, este significante designa o momento de uma “delicada transição”², um tempo lógico de importantes desarranjos e transformações subjetivas a nível imaginário, simbólico e real, assim como de diferentes arranjos com o amor, o gozo, e o desejo.

Miller afirma que definir o que é a adolescência é controverso, já que se pode ser defini-la de diversas formas, em suas dimensões biológica, mental, cronológica e psicológica. “Todas essas definições não se ajustam de maneira exata. O que podemos dizer de modo

¹ Tradução de Elisa Martins Uyttenhove e Daniela Dotzauer.

² Lacadée, P. “Los sufrimientos modernos de los adolescentes”, UNSAM Edita, 2017, Pág. 32.

geral é que a adolescência é uma construção”³ e que toda construção “é um artifício significativo”⁴

O ensaio "A metamorfose da puberdade"⁵ de Freud, tem alguns alcances sobre a questão que nos convoca hoje.

A tese central sustenta que a pulsão, predominantemente auto-erótica na infância, poderá, a partir da puberdade, dirigir-se até novos objetos de amor e de desejo; passagem que implica a participação de duas das correntes da vida erótica: a terna e a sensual. Nessa lógica, se produzirá um encontro com o objeto, que na realidade consiste em um reencontro, pois este se apóia em escolhas provenientes da mais precoce infância. Todavia, essa dimensão da pulsão não é uma simples réplica das pulsões da infância; na puberdade, o despertar da pulsão pelo real biológico é acompanhado pela repressão do objeto parental, que se vê definitivamente condenado como objeto sexual.

Com Lacan podemos dizer que a puberdade é um traumatismo, no sentido em que vem a fazer “buraco no real”⁶. O adolescente descobre que seu corpo não lhe pertence, porque nele acontecem experiências alheias a sua vontade, em uma dimensão que não pode controlar e que se lhe impõe para além de sua decisão, a dimensão do gozo. A libido irrompe através de sensações corporais novas, inéditas, desconhecidas, carentes de tradução simbólica.

A puberdade impacta com a ausência de uma fórmula, de um saber a priori de como fazer com o Outro sexo. Essa tyché será sempre traumática na medida em que introduz um buraco no saber.

O sujeito está imerso em um trabalho subjetivo, no qual tem que sair da sua infância e atravessar o umbral da adolescência. Na infância há um despertar para o sexo que se dá pelo encontro com o gozo fálico e os sintomas que surgem nessa época, possibilitam

³ Miller, J.-A. y otros, “De la infancia a la adolescencia” Ed. Paidós, Buenos Aires, 2020, Pág. 38.

⁴ Ídem, Pág. 38.

⁵ Freud, S. “Tres ensayos para una teoría sexual” en Obras Completas Tomo II. Ed. Biblioteca Nueva, Cuarta Edición, Madrid, 1981.

⁶ Lacan, J. “Prefacio a El Despertar de la Primavera”, Otros Escritos, Ed. Paidós, Buenos Aires 2012, Pág. 588.

subjetivar algo dessa sexualidade. Deixar de ser uma criança implica que as identificações e a fantasia sexual infantil, herdeiro do Complexo de Édipo - que lhe permitiu manejar com o gozo fálico e responder ao enigmático desejo do Outro, o desejo materno – já não serão úteis ao sujeito adolescente. Nessa transição da infância para a adolescência ocorrem transformações que vão mais além das mudanças físicas e hormonais sofridas pelo adolescente, porque ele experimenta um gozo que será vivido como acontecimento do corpo como sexuado. Há a uma irrupção da sexualidade que é sempre traumática porque está em jogo um encontro contingente com o gozo, frente ao qual não há significante no Outro que possa nomeá-lo. É por isso que se produz um abalo fantasmático, ainda que no fundo a fantasia conserve a sua estrutura. “Embora a fantasia se construa na infância, seu uso fica em suspenso até a puberdade. A fantasia sexual infantil, tal como aponta Eric Laurent, põe em jogo uma escolha do desejo, mas o que fica em suspenso é na escolha do gozo, que se vai por à prova na puberdade”⁷.

No seminário 10, Lacan estabelece um vínculo entre a “maturação do objeto a ”⁸ e a puberdade. Isso será fundamental para interrogar o lugar do amor, do desejo e do gozo na adolescência. Sobre esse ponto, Domenico Cosenza estabelece uma precisão notável: “O que passa nesta experiência (...) é que no final o objeto se encontra de certa forma encarnado no corpo de um parceiro sexual, que está no campo do Outro, diante do qual, o jovem experimenta uma atração que o move em direção ao objeto”⁹.

Esse aspecto, por outro lado, nos aproxima do que foi denominado por Miller, como o problema do corpo do Outro. Trata-se de um “momento de levar em consideração, entre os objetos do desejo, o que Lacan destacou como o corpo do Outro”¹⁰. Precisa que, apesar da mitologia do casal perfeito, onde se correspondem os gozos e o amor, não se goza do corpo do Outro, “não há gozo senão do corpo próprio ou gozo de sua fantasia, de fantasias”¹¹. A

⁷ López, G. “Adoles(seres)”, Ed. Grama, Buenos Aires 2009, Pág. 44.

⁸ Lacan, J. “El Seminario Libro X, La Angustia”, Ed. Paidós, Buenos Aires 2006, Pág. 279.

⁹ Cosenza, D. “El adolescente y el encuentro con lo real: efectos traumáticos, respuestas, soluciones” Conferencia en el Departamento de Estudios sobre la adolescencia del ICdeBA, Inédito. Disponible en: <https://www.facebook.com/107204327447984/videos/754851645090559>

¹⁰ Miller, J.-A. “En dirección a la adolescencia”, 2015, disponible en: <https://elpsicoanalisis.elp.org.es/numero-28/en-direccion-a-la-adolescencia/>

¹¹ Idem 9.

fantasia poderá velar a ausência da relação sexual, fazendo o sujeito acreditar que, através do Outro, poderá acessar a satisfação, mas quando se experimenta o gozo no ato sexual, ficará evidente para o sujeito que o gozo é irreduzível, que é puramente auto-erótico e que não há relação. Assim, a puberdade é um encontro com o real da "não relação assexual", pois o gozo é fundamentalmente solitário, não estabelece nenhuma relação com o Outro.

Ou seja, que o sujeito adolescente tentará processar, da melhor ou pior forma, a impossibilidade da existência da relação sexual. A delicada transição da adolescência exigirá inventar soluções singulares para lidar com esse real; transição que poderá ser viabilizada quando o adolescente pode se perguntar: Como se aproximar de uma mulher ou de um homem? Como se faz laço com o outro? Qual lugar para o amor na adolescência?

Algumas palavras sobre o amor para a psicanálise

Para Freud, o amor é essencialmente narcisista, ama-se na medida em que o objeto proporciona satisfação e nasce do modelo parental. Também o ensino de Lacan, desde seus primeiros seminários até os últimos, está atravessado pelo amor, como ele mesmo dirá: “A única coisa que fazemos no discurso analítico é falar de amor”¹².

Há primeiro a versão do *amor imaginário*, o amor que completa, o amor que é recíproco. O amor das *grandes esperanças* é uma ilusão, e toda ilusão amplia o objeto e engrandece as fantasias de conseguir apaziguar a falta e a dor de existir, com o consolo de amar e ser amado.

Posteriormente, no Seminário V "As formações do inconsciente", aparece o famoso aforismo de "(...) dar o que não se tem (...) a um ser que não o quer"¹³. Esta frase explica a vertente do *amor simbólico*.

Para produzir o amor, aponta-se a falta do Outro, mas: Isso é possível em uma lógica falocêntrica? Em uma lógica em que mais se trata de entrar na comédia dos sexos, armando o cenário em que se joga o amor e o ódio, como as paixões que comandam as revoltas e os

¹² Lacan, J. "Seminário Libro 20, Aun", Ed. Paidós, Buenos Aires, 2014, Pág. 101.

¹³ Lacan, J. "Seminário Libro 5, Las formaciones del inconsciente", Ed. Paidós, Buenos Aires, 2010, Pág. 359.

desenlaces que se produzem entre homens e mulheres, no que se tem chamado de “guerra dos sexos”?

Se a dimensão do amor está de mão dada com a dimensão da falta, Lacan teve que dar uns passos além para articular o amor, já não mais à lógica fálica masculina, que sustenta os preceitos convencionais da sociedade, mas que começa a reconhecer outra lógica que introduz a dimensão do feminino.

No Seminário XX, Lacan apresenta as Fórmulas da Sexuação, para mostrar as diferentes posições subjetivas que há em relação ao gozo. É uma sexuação articulada ao real. O lado esquerdo destas fórmulas mostra a posição lógica do **todo e da exceção**, que reflete a mentalidade masculina e traduz o **gozo fálico**, que é um gozo limitado. É o lado do todo fálico, onde reina a comparação, a quantidade e a medida. Essa relação do sujeito com o falo é o que leva ao gozo solitário, chamado por Lacan, o "gozo do idiota", já que é um gozo masturbatório, que não inclui o outro, a não ser pela via da fantasia.

Em contrapartida, o lado direito das fórmulas da sexuação tem a lógica do **“não todo”**, não existe nenhuma exceção e introduz a lógica feminina, que provém de um conjunto aberto em que se pensa a mulher **uma por uma**, cada uma delas, com uma posição singular em seu gozo e que pode aceder a um gozo mais além do falo, um gozo sem medida, sem limites, por isso Lacan o chamou de **Outro gozo**.

Em seu último ensino, Lacan indagará a possibilidade de um amor diferente, que não está casado com o narcisismo e nem se entrega ao império do ideal e do amor do pai. Um amor "hetero", na lógica da função do "Não todo", na medida em que o heterossexual, como diz Bassols, é aquele que ama as mulheres, seja qual for seu próprio sexo. Por isso, a exploração lacaniana é verificar a existência de um gozo distinto do gozo fálico, ao que podem aceder homens ou mulheres. Começa a orientação para o **amor real**.

Então, a pergunta é: como, a partir do gozo autista, entra-se em relação com o parceiro? Jacques-Alain Miller diz, então, que se produz uma função inédita do amor, na medida em

que permite estabelecer uma conexão com o Outro. "O amor é assim pensado ao nível do real da pulsão"¹⁴.

Na vertente real, o amor é aquele que supre o buraco da ausência da relação sexual, na medida em que funda a relação com o Outro.

Lacan vai definir o AMURO, no registro do real, como a posição do analista no amor, como encarnando esse objeto a real e como o MURO da inexistência da relação sexual.

Lacan estabelece uma diferença entre "fazer amor" e o "ato de amor", que é "transar" na linguagem vulgar. O "transar" fica do lugar fantasmático, sempre se transa com a fantasia, ao mesmo tempo que "fazer amor" introduz a diferença dos sexos, para além da fantasia¹⁵.

“Se o homem aceita passar pela castração, se aceita que não todo gozo em jogo em seu encontro com uma mulher passa por seu falo, então terá a possibilidade de “fazer amor”, quer dizer, de gozar do corpo dessa mulher e não do objeto de sua fantasia. ”

Quando Lacan diz que um homem pode fazer amor com uma mulher se passa pela castração, refere-se ao fazer o amor como POESIA, passa a dar-lhe uma dimensão poética onde estarão em jogo as *palavras de amor*.

Começa-se a pensar no amor em uma lógica que não é a lógica fálica, masculina, que estabeleceu o amor no Ocidente. Trata-se de explorar um **novo amor** que Lacan propõe, a partir da palavra de amor, como um dizer que produz acontecimento, como um efeito de gozo no corpo.

O adolescente contemporâneo e o amor

De acordo com Miller, “é nos adolescentes que se faz sentir com maior intensidade os efeitos da mudança da ordem simbólica”¹⁶. Esses efeitos foram precisados em sua conferência em Comandatuba através do mathema: $a > I$. A ascensão ao zênite do social dos

¹⁴ Miller, J.-A. “El partenaire- síntoma”, Ed. Paidós, Buenos Aires, 2008, Pág. 157.

¹⁵ Soria N. “Nudos del Amor”, Ed. Serie del Bucle, Buenos Aires, 2018, Pág. 87.

¹⁶ Ídem, Pág. 9.

objetos mais de gozar, que deslocam e substituem o Ideal, produzem substanciais modificações nos laços contemporâneos.

Para Lacadée "O objeto mais de gozar ocupa o primeiro plano do tempo da adolescência", chegando inclusive em alguns casos a "encarnar a vertente da desregulação desse gozo em excesso". Ele acrescenta: "Nossa cultura leva o sujeito a querer um objeto para satisfazer sua pulsão, para virtualizar sua realidade, para virtualizar o real que o persegue; um objeto no lugar de um ideal. Esse objeto cujas formas declinam ao infinito, engana a falta a ser do sujeito, desconhecendo que esta é um fato de estrutura"¹⁷.

Atualmente os adolescentes se encontram mais desorientados para poder construir respostas possíveis e enfrentar o que lhes acontece, já que existe uma busca imperativa de soluções imediatas e rápidas que não os confrontem com situações em que se põem em jogo o desejo, a satisfação ou o compromisso com o outro. Sem dar a possibilidade de ter o tempo de compreender o que lhes acontece e propor estratégias para conseguir aceder a uma relação amorosa ou sexual.

O registro da falta é uma condição necessária para o amor. O discurso capitalista, comandado pelo objeto *a* no zenit do social, recusa as "questões do amor"¹⁸ porque foraclui a castração.

Com essas coordenadas nos perguntamos: Em que lugar se situa o amor na adolescência hoje?

A onipresença encarnada nas telas do objeto *a* é parte da erótica dos adolescentes. Seu efeito é que a inexistência da relação sexual deixa de ser velada, tornando-se evidente de maneira descarnada. Miller nos convoca a observar essas consequências nos costumes dos jovens em relação à sexualidade: "Desencanto, brutalização, banalização"¹⁹ seria o que as caracteriza hoje. No lugar da palavra de amor, para bordear o real da não relação sexual -

¹⁷ Lacadée, P. "Los sufrimientos modernos de los adolescentes", UNSAM Edita, 2017, Pág. 40.

¹⁸ Lacan, J. "Hablo a las paredes", Ed. Paidós, Buenos Aires, 2012, Pág. 106.

¹⁹ Miller, J.-A. "El inconsciente y el cuerpo hablante", 2014. Disponible en: <https://www.wapol.org/es/articulos/Template.asp?intTipoPagina=4&intPublicacion=13&intEdicion=9&intIdiomaPublicacion=1&intArticulo=2742&intIdiomaArticulo=1>

assim como o real do Outro sexo encarnado pelo feminino – há a rudeza e a degradação da vida erótica ao extremo, sem sua contrapartida do ideal.

Frente a isso, a psicanálise aposta em colocar em ato o inconsciente transferencial como modo de saída para a solidão radical do adolescente. Restituir a dignidade do amor por seu inconsciente, através do laço com um parceiro distinto, que é um analista.